



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

AS MENTALIDADES PÓS-MODERNAS: repercussões das mudanças de costumes no pensamento dos psicanalistas

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ
(Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)

Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL
(Rio de Janeiro, Brasil)

Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Associação Mundial de Psicanálise (França)
e da Escola Brasileira de Psicanálise (Brasil)

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)

E-mail: taniacs@openlink.com.br

Com grande satisfação chegamos ao final desta nova edição de *aSEPHallus*. Estamos honrados pela grande quantidade de artigos encaminhados por colegas que são professores em excelentes universidades e programas de pós-graduação muito bem conceituados. A todos vocês, nosso muito obrigada pela confiança em nosso trabalho.

Este número surpreende pela importância concedida por alguns pesquisadores à questão da identidade de gênero. Problema que ganhou as páginas dos jornais desde que a nova ministra da "Mulher, Família e Direitos Humanos", Damare Alves, declarou que "meninas vestem rosa e meninos vestem azul". Acossada pela repercussão negativa, precisou explicar que se trata de uma "metáfora contra a ideologia de gênero". O que me parece mais interessante nos debates "surdos" promovidos pela mídia é a incapacidade de nossos jornalistas perceberem que, aquilo que para alguns é uma metáfora, para outros é tomado literalmente e soa como um constrangimento opressivo. Uma maioria expressiva da sociedade ainda pensa como Freud. Nascemos anatomicamente meninas ou meninos, mas a identidade de gênero é adquirida por meio da transmissão parental dos valores e papéis sociais da virilidade e da feminilidade.

Na psicanálise de orientação lacaniana esta operação psíquica primordial, depende da conexão entre o significante (simbólico/nome próprio) e o real (corpo/objeto *a*). Aí reside o âmago da polêmica. Se os pais não acreditam na diferença sexual, não vão transmiti-la a seus filhos. Ou, ao contrário, vão ensinar que cada um tem o poder de se auto definir, independentemente, da realidade anatômica ou social. Aceitarão que seu filho tem o direito de simplesmente desmenti-la afirmando: - Não sou um menino! Este pênis não me agrada! Ou, mais ainda do mesmo: - Não sou uma menina! Não reconheço como meu este corpo sem pênis! Mas, quando acreditam que meninos e meninas são diferentes, na maioria dos casos, seus filhos seguirão pela vida acreditando que são um tipo de homem ou um tipo de mulher em conformidade com seu sexo anatômico. Nossa civilização chegou ao ponto de dividir-se neste dois grupos que defendem ideias diferentes

sobre a relação entre sexo e gênero. Do alto dos meus quarenta anos de prática como psicanalista, estou convencida de que nenhum dos dois lados da controvérsia vai conseguir convencer o outro.

Alexandre Costa Val acredita que se possa reduzir a tensão entre essas duas abordagens da relação sexo/gênero por meio das regulamentações jurídicas que permitam que um sujeito possa exigir, como sugere o título do seu ensaio, que o Outro "me chame pelo meu nome". Fica claro que o "meu nome" não é o nome (simbólico/nome próprio) atribuído pelo Outro parental. Propõe uma reflexão sobre o lugar do psicanalista diante das transformações jurídicas, políticas, subjetivas e sociais que fazem parte do contemporâneo, tendo como foco a questão do nome social das pessoas *trans*. Para isso, as regulamentações brasileiras são examinadas e tensionadas com a *Ley de Identidad de Género*, da Argentina, a partir do relato das experiências de três sujeitos. Discute, finalmente, a possibilidade de que certas leis acomodem melhor os sujeitos e suas singularidades, diminuindo assim a segregação social. Certamente, a regulamentação jurídica do direito à auto definição do próprio sexo pode diminuir o desconforto dos indivíduos que vivem um conflito entre sexo e gênero. Mas, eu gostaria de argumentar, poderá convencer aqueles que não dissociam um do outro? Acredito que não. Estamos diante de uma divisão no seio da mentalidade contemporânea que as regulamentações jurídicas não poderão resolver.

Karina Carvalho Veras de Souza, doutora em Psicologia pela UFRN e os graduandos João Victor Linhares Medeiros e Herbet de Souza Nunes, não propõem um ensaio ou um artigo científico. Seu trabalho se intitula: "Curar-se da "cura das homossexualidades": um manifesto à despatologização". Podemos observar que, tal como a ministra Damares representa a opinião de uma parcela da sociedade, os autores deste texto advogam em favor da versão da outra parcela. Depois de 100 anos de invenção da psicanálise, parece que ainda não foi possível assimilar a complexidade da teoria freudiana acerca dos destinos entrelaçados do complexo de Édipo e de castração, na transmissão da identidade de gênero. Ainda há naturalistas e antinaturalistas. Para a psicanálise, segundo os autores, o desejo é o equivalente da falta e advém da constituição sexual do sujeito, sendo esta de natureza infantil e inconsciente. É na complexidade da travessia edipiana que o sujeito constitui sua posição sexuada inconsciente. Masculino e feminino serão, assim, posicionamentos do sujeito quanto ao seu desejo. Com base nisso, o presente artigo, ao expor os princípios da sexualidade inconsciente do sujeito, pretendeu contribuir para a desconstrução da patologização das homossexualidades, concebida muitas vezes, no campo das inadequações psíquicas entre o *eu* e o corpo. Concluíram, supostamente em consonância com a psicanálise lacaniana, que não há sintonia possível entre o *eu* desejante – que percorre o desejo de *ser* homem ou o de *ser* mulher – e a realidade anatômica dos genitais. Como se pode observar, para os autores deste manifesto, a heterossexualidade e a homossexualidade já não derivam mais das relações do sujeito com o complexo de castração. O "*pathos*" da angústia de castração, complexo

nuclear das neuroses, foi declarado pelos autores deste artigo como um conceito psicanalítico obsoleto.

Ângela Maria Resende Vorcaro e Vinícius Moreira Lima, escrevem sobre o tema da teoria Queer. Seu artigo intitula-se: "Ideal viril e feminização do mundo: uma sexuação moebiana na era do não-todo". O artigo pretende perguntar que mudanças são acarretadas pelo declínio do ideal viril no nível da sexuação, fazendo o percurso que leva da sociedade pautada no ideal fálico até sua derrocada contemporânea. A falência do viril revela que a sexuação apresenta um caráter moebiano que situa, de partida, todo ser falante como preocupado pelo não-todo fálico. Explicita o *modus operandi* do ideal viril para lançar luz sobre as proliferações do não-todo no século XXI, em sua rebeldia ao universal. Como conclusão, discute as consequências clínicas possíveis para os horizontes contemporâneos da subjetividade.

Ana Carolina Rocha Siqueira Cardoso e Ilka Franco Ferrari, mestre e doutora/professora na graduação e pós-graduação em Psicologia da PUC Minas, respectivamente, também incidem sobre o tema da virilidade. Elas se perguntam: Por onde andam os heróis? Abordam a existência do herói, na atualidade, por meio de contraponto com o herói clássico que tinha como princípio o amor à vida ou a honra de seu ser. Percorrem dois marcos decisivos para a alteração da concepção do heroico, ou seja, a democracia grega e os novos valores que propiciam a construção de políticas excludentes do sujeito, especialmente a partir da modernidade, repercutindo decisivamente na constituição da subjetividade contemporânea e nas relações entre os homens. Com base na teoria psicanalítica, nessa leitura do social, concluem mediante a análise das novas formas discursivas da atualidade, que o herói dos dias de hoje se caracteriza como ídolo de barro, desprovido de honra, vergonha e desbussolado, na crença de que tudo é possível e de que é preciso gozar sem limites.

Larissa Arruda Aguiar Alverne e Laéria Beserra Fontenele, doutoranda na UERJ e doutora/professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, respectivamente, escrevem o artigo intitulado: "Estudos psicanalíticos sobre a literatura de Virginia Woolf: alguns apontamentos para futuras pesquisas sobre sua obra." Com esse artigo, pretendem contribuir no sentido de realizar, a partir de levantamento de estudos psicanalíticos que se ocuparam da escritora Virginia Woolf, o mapeamento das principais contribuições temáticas dos mesmos e o modo como elas são examinadas pelos autores. Com isso, buscaram refletir sobre o alcance desses trabalhos e em que medida eles podem confluir com outras faces da obra e da vida da autora que podem ser de interesse para futuras pesquisas em psicanálise ou que possam vir a servir de referência para a retomada de sua literatura a partir de outros recortes temáticos possíveis de exame analítico. Como critério metodológico da escolha dos estudos a serem analisados, optaram por selecionar apenas os textos de referência em nossa área de estudos, entendendo por isso, aqueles que são mais citados e comentados em trabalhos sobre a autora.

Sem dúvida, a ambiguidade sexual da autora de "Orlando" é uma importante fonte de pesquisa sobre a constituição da identidade de gênero.

Márcia Infante Vieira, doutoranda pelo PPGTP/UFRJ, escreve sobre Édipo, Hamlet e os Coûfontaine: reflexões acerca do grande Outro. Parte da análise de três tragédias – Édipo, Hamlet e a trilogia dos Coûfontaine -, realizada por Lacan nos seminários 5, 6 e 8, onde ele mostra os impasses subjetivos existentes entre os interesses do desejo e as exigências da lei fundadora da cultura. Aborda o impasse do sujeito com o lugar operatório ocupado pelo Nome-do-Pai, que orienta o discurso de cada um. O que torna evidente a impossibilidade de se prescindir da ideia de que o sujeito é originalmente dependente do Outro, sendo sempre afetado por ele, apesar do rebaixamento do lugar da lei simbólica no laço social.

Como propõe meu novo projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, é preciso interrogar qual é o Outro de cada um, evitando a conclusão apressada de que o "Outro não existe" em nossa época. Esta posição que venho tomando justifica a importância para o psicanalista de saber qual é o Outro com o qual cada sujeito dialoga. Os trabalhos dos meus orientandos, e é esse o caso do trabalho da Márcia, refletem esta preocupação que já se tornou uma marca distintiva da minha clínica.

Andréa Martello, Eveline Andries de Castro, Renata Rosa da Costa professora, mestre e mestranda pelo PPGTP/UFRJ, respectivamente, refletem acerca do "método analítico e as psicoses: do dispositivo freudiano à estrutura lacaniana". O artigo retoma as formulações teóricas de Freud acerca da diferença entre os campos da neurose e da psicose e dos limites do tratamento psicanalítico com psicóticos para, em seguida, apresentar as contribuições de Jacques Lacan à temática da psicose, no que alude à sua diferença estrutural, seu mecanismo específico e direção do tratamento. Demarca-se com o recorte teórico, uma revisão bibliográfica sobre o período a partir do qual Freud deixa de conceber a psicose pelo paradigma da neurose e em que o retorno efetuado por Lacan a Freud, com base em suas apropriações da linguística e da antropologia estrutural, deu centralidade à determinação do sujeito pela linguagem, à valorização do simbólico; permitindo com isso novas possibilidades para o tratamento da psicose. Questão muito apropriada nesse momento em que as mudanças de costumes tendem, muitas vezes, a dissolver a consciência coletiva acerca da diferença entre a neurose e a psicose.

Finalmente, Katerine da Cruz Leal Sonoda, professora adjunta da UNIFESSPA (Marabá, Brasil), nos enviou uma excelente resenha acerca dos consagrados livros de Norbert Elias (1993/94) intitulados: *O processo civilizador: uma história dos costumes*, volume 1, e *O processo civilizador: uma história dos costumes. A formação do Estado e civilização*, volume 2, nos quais ele descreve as mudanças que aconteceram no comportamento, nas estruturas mentais e emocionais dos indivíduos no Ocidente. Foi o formulador da teoria do processo civilizador, segundo a qual a

civilização europeia teria surgido pela interiorização das limitações e autocontrole dos impulsos, sob o efeito das transformações provocadas pela formação do Estado Moderno.

A autora conclui lançando uma questão que cai como uma luva neste número de *aSEPHallus*: “afinados com os pressupostos de Elias, de que mudança da estrutura das funções sociais acarreta também em mudança de conduta, estaríamos na contemporaneidade diante de uma ‘nova onda’ civilizatória”? O próprio autor afirma que períodos de transição proporcionam uma oportunidade especial à reflexão: os padrões mais antigos foram contestados, mas os novos ainda não surgiram. Ficam abertas à discussão muitas coisas que as gerações anteriores consideravam como certas e ‘civilizadas’. Da mesma forma que achamos incivilizado, hoje, comer com as mãos ou levar um animal inteiro à mesa, as gerações futuras poderão nos questionar sobre a forma como usamos os recursos da natureza, as tecnologias de comunicação e tratamos determinados grupos sociais – só para citar alguns exemplos. Quais convenções comportamentais mudarão? Provavelmente muitas das que tomamos hoje como absolutamente naturais. Tal problemática convida os psicanalistas à indagação sobre se tais transformações fortalecerão ou não o processo civilizatório *no modo como lidam* com o que foi tradicionalmente instituído.

É um convite à reflexão sobre nossa época, suas mudanças de costumes e as repercussões dessas mudanças no pensamento dos psicanalistas. Sob a pressão dos movimentos sociais que clamam pela dissociação entre sexo anatômico e gênero psíquico, os psicanalistas ainda defenderão o primado do complexo de castração na constituição sexual ou os fundamentos da nossa disciplina também podem estar em vias de desaparecer?

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2017 a abr. 2018). AS MENTALIDADES PÓS-MODERNAS: repercussões das mudanças de costumes no pensamento dos psicanalistas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(25), 1-14. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n25p1-5

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 24/09/2017 / 09/24/2017.

Aceito/Accepted: 10/10/2017 / 10/10/2017.

Copyright: © 2018 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.